

**USO DE METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS EM
SAÚDE COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

***THE USE OF ACTIVE METHODOLOGIES IN HEALTH EDUCATIONAL
PRACTICES WITH ADOLESCENTS IN INSTITUCIONAL HOSTING
SITUATION: AN EXPERIENCE REPORT***

***USO DE METODOLOGÍAS ACTIVAS EN PRÁCTICAS EDUCATIVAS DE
SALUD CON PROFESORES EN ALOJAMIENTO INSTITUCIONAL:
INFORME DE EXPERIENCIA***

Dhessika Riviere Rodrigues dos Santos Costa
dhessi_santos@hotmail.com
Acadêmica de enfermagem (UNIVASF)

Fernando Vitor Alves Campos
fnandovitor@hotmail.com
Acadêmico de enfermagem (UNIVASF)

Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira
olindalira@gmail.com
Doutora em enfermagem (UFBA)
Docente da UNIVASF

Millena Coelho Guimarães
millena1924@hotmail.com
Acadêmica de enfermagem (UNIVASF)

Sueleen Thaisa Henrique de Souza
sueleendesouza@gmail.com
Acadêmica de enfermagem (UNIVASF)

Thaysa Maria Vieira Justino
thaysavieira2010@hotmail.com
Acadêmica de enfermagem (UNIVASF)

Vanessa Victória Araújo Pereira
nessinha3015@gmail.com
Acadêmica de enfermagem (UNIVASF)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi descrever experiências vivenciadas por um grupo de acadêmicos e uma docente do colegiado de Enfermagem, da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, durante atividades do componente curricular Núcleo Temático intitulado "Promoção à saúde no Processo de viver Humano: atenção à saúde da mulher". A metodologia utilizada esteve embasada na perspectiva de oficinas em dinâmica de grupo e a técnica de observação participante. Foram desenvolvidas cinco oficinas onde foram trabalhados os temas geradores: afeto; higiene íntima e secreção vaginal; câncer de mama e colo de útero; infecções sexualmente transmissíveis; desigualdades de gênero e violência contra a mulher. Discutir a promoção e prevenção da saúde com adolescentes institucionalizadas foi de fundamental importância pelo grau de vulnerabilidade ao qual elas foram expostas, pela carência afetiva e a necessidade de conhecimentos básicos sobre suas peculiaridades de saúde. O uso de metodologias ativas configurou-se de forma positiva por facilitar a compreensão das temáticas abordadas e a inserção dos discentes no ambiente de práticas. Nesse contexto, a educação em saúde em instituições de acolhimento de adolescentes faz-se necessária devido ao fato de estas encontrarem-se fragilizadas.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Promoção da saúde. Saúde da mulher. Adolescente institucionalizado. Enfermagem.

ABSTRACT

This work aims to describe the experiences of a group of academics and a nursing professor of the Federal University of São Francisco Valley - Univasf, during the activities of the Thematic Core curricular component entitled "Health promotion in the living Human Process: women's health care." In the methodology was included the perspective of group workshops and a participant observation technique. It were developed five workshops, where the generative themes were worked out: affection, internal hygiene and vaginal secretion, breast and cervical cancer, sexual transmitted infections, gender inequalities and violence against women. Discussing health promotion and prevention with institutionalized schooling adolescents is fundamentally important for their vulnerabilities degree, especially the affective caring and basic needs. The use of active methodologies has been configured in a positive

way through the understanding of the trends and the insertion of students in the work environment. Therefore, health education in institutionalized environment for adolescents becomes necessary due to the fact that those girls are fragilized.

Key-words: Health Education. Women's health. Health promotion. Institutionalized adolescents.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue describir las experiencias vividas por un grupo de académicos y un miembro de la facultad del Colegio de Enfermería de la Universidad Federal de Vale do São Francisco - UNIVASF, durante las actividades del plan de estudios Thematic Core titulado "Promoción de la salud en el proceso de la vida humana: atención a la salud de la mujer". La metodología utilizada se basó en la perspectiva de los talleres sobre dinámica de grupos y la técnica de observación participante. Se desarrollaron cinco talleres donde se trabajaron los temas generadores: afecto; higiene íntima y flujo vaginal; cáncer de mama y cervical; infecciones de transmisión sexual; desigualdades de género y violencia contra la mujer. Discutir la promoción y prevención de la salud con adolescentes institucionalizados fue de importancia fundamental debido al grado de vulnerabilidad a la que estuvieron expuestos, la falta de afecto y la necesidad de conocimientos básicos sobre sus peculiaridades de salud. El uso de metodologías activas se configuró positivamente porque facilita la comprensión de los temas abordados y la inserción de los estudiantes en el entorno de práctica. En este contexto, la educación sanitaria en las instituciones de atención a adolescentes es necesaria debido al hecho de que están debilitadas.

Palabras clave: educación para la salud, promoción de la salud. Salud de la mujer. Adolescente institucionalizado. Enfermería

INTRODUÇÃO

Práticas educativas são mecanismos de promoção à saúde que têm por objetivo contribuir para o esclarecimento e responsabilização dos diversos grupos populacionais sobre a importância do cuidar de si e das outras pessoas.

Trata-se de um processo de ensino e aprendizagem que tem, entre as principais finalidades, a difusão de conhecimentos, oportunizando reflexões sobre a importância da mudança de hábitos e da adoção de comportamentos que contribuam para a qualidade de vida (BOTTAN; TREMEA; GOMES; URIARTE NETO, 2016).

Por tanto, uma prática educativa promotora de saúde constitui uma atividade emancipadora, pois permite, às pessoas, construir uma visão crítica e potencialmente transformadora de sua realidade (FERREIRA; ROCHA; LOPES; SANTOS; MIRANDA, 2014). Compreende-se, assim, que educar em saúde ajuda os indivíduos a compreender melhor a sua existência e a atuar de forma consciente em relação aos seus comportamentos, estimulando o desenvolvimento da melhoria de vida (BOTTAN; TREMEA; GOMES; URIARTE NETO 2016; FERREIRA; ROCHA; LOPES; SANTOS; MIRANDA, 2014).

Mas para que sejam práticas transformadoras, é necessário que estejam respaldadas por estratégias educativas inovadoras, por meio do uso de metodologias ativas, de modo que favoreçam a participação concreta dos envolvidos nesse processo (BACICH; MORAN, 2018).

Assim, o uso de metodologias ativas na execução de práticas educativas em saúde facilita a discussão e o aprendizado acerca de variados temas cotidianos, sobretudo, quando se trata de abordagens complexas e populações vulneráveis, como, por exemplo, falar sobre saúde da mulher para meninas em situação de acolhimento institucional, devido à dupla vulnerabilidade a qual se encontram expostas – referente tanto à peculiaridade da saúde sexual na adolescência como à própria condição social em que se encontram (PENNA; RIBEIRO; RAMOS; FÉLIX; GUEDES, 2016).

Assim, é fundamental a existência de espaços de escuta e de intervenção educativa, direcionados a este público, principalmente a meninas em situação de acolhimento institucional, pois elas estão afastadas do convívio

familiar, um dos principais fatores influenciadores do processo de construção da sexualidade (CAMPOS; PAIVA; MOURTHÉ; FERREIRA; ASSIS; FONSECA, 2018; PENNA; RIBEIRO; RAMOS; FÉLIX; GUEDES, 2016; SOUSA; SANTOS; SANTANA; SOUZAS; LEITE, 2018).

É neste contexto que este trabalho tem o objetivo de descrever experiências vivenciadas por um grupo de acadêmicos e uma docente do colegiado de Enfermagem, da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, durante atividades do componente curricular Núcleo Temático intitulado "Promoção à saúde no Processo de viver Humano: atenção à saúde da mulher".

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido durante as atividades práticas do Núcleo Temático intitulado "Promoção à saúde no Processo de viver Humano: atenção à saúde da mulher", na Casa de Acolhimento Institucional Laura Vicuña, na cidade de Petrolina-PE, Brasil, instituição que se destina a acolher, em caráter temporário, crianças e adolescentes do sexo feminino, entre sete e 17 anos, em situação de risco por abandono, negligência ou maus-tratos, encaminhadas por decisão do Conselho Tutelar, Vara da Infância e da Juventude ou pelo Ministério Público, como medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990).

O trabalho foi desenvolvido por meio de oficinas em dinâmica de grupo e observação participante. Como estratégia metodológica, Oficinas em Dinâmica de grupo são uma proposta de trabalho com grupos de pessoas que possuem interesses em comum cujo intuito é favorecer interações e reflexões sobre as temáticas abordadas (DE LUIZ; DAL PRÁ; AZEVEDO, 2014; AFONSO, 2010).

Quanto à Observação Participante, metodologicamente, permite, ao pesquisador, adaptação ao campo de investigação e melhor compreensão da realidade referente ao contexto ao qual está inserido (MÓNICO; CASTRO; PARREIRA, 2017).

As oficinas foram estruturadas em etapas identificadas por: demanda; pré-análise; foco ou tema central a ser trabalhado; enquadre e planejamento flexível (AFONSO, 2010). As etapas de demanda e pré-análise corresponderam à análise das necessidades para o desenvolvimento do tema central a ser trabalhado: promoção à saúde da mulher e prevenção de agravos e doenças.

Após essas etapas, para se elaborar o enquadre, isto é, para se estruturar o trabalho, buscaram-se informações sobre o número de meninas, idade, espaço físico e recursos disponíveis, garantia da privacidade das participantes, possíveis limitações da instituição e horários disponíveis e adequados ao desenvolvimento da proposta, destinada a dez meninas acolhidas que tinham idade entre 12 e 17 anos.

Após a obtenção das informações sobre disponibilidade de horários, buscou-se elaborar um planejamento flexível, que possibilitasse o desenvolvimento do tema principal ou foco da oficina intitulada: "Promoção da saúde da mulher e gênero: conversando com meninas em situação de acolhimento institucional". Esta foi desenvolvida por meio dos temas geradores: afetos; higiene íntima e secreções vaginais; prevenção do câncer de mama e câncer do colo do útero; infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), desigualdade entre gêneros e violência contra a mulher.

Os encontros ocorreram em espaço da própria casa, que dispunha de boa ventilação e favorecia a aplicação de diferentes estratégias de trabalho com grupos: rodas de conversa, técnicas de colagem em papel e pinturas com

recursos de papel madeira, pincéis, lápis coloridos, cola, barbante, figuras e fitas coloridas.

Duravam, em média, duas horas, e foram desenvolvidos em uma sequência iniciada por um momento de acolhimento, por meio de aquecimento e dinâmicas de integração, oportunizando, ao grupo, concentrar-se na atividade, seguidos de abordagens sobre os temas geradores, de maneira que, inicialmente, eram problematizados com a intenção de apreender conhecimentos prévios sobre esses assuntos para que, no terceiro momento, ocorressem discussões como forma de promover reflexões para a ressignificação do conhecimento ou experiências anteriormente vivenciadas.

Em cada encontro, um dos acadêmicos coordenava a atividade, acolhendo o grupo e mediando discussões. Aos demais, cabia manter interações, estimular discussões, registrar falas e estar atentos a expressões e reações das participantes. Ao final de cada encontro, abria-se espaço para que as adolescentes pudessem avaliar a oficina. Com isso, os ajustes possíveis foram feitos para o encontro seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram desenvolvidas cinco oficinas intituladas: 1. Afeto bom e afeto ruim: estratégia de aproximação de meninas em situação de acolhimento institucional; 2. Noções de gênero a conhecimentos sobre a higiene íntima feminina; 3. Câncer de mama e colo do útero: o que é e como prevenir; 4. Abordando ISTs para adolescentes e 5. Conversando sobre violência com adolescentes em um contexto de violência no ambiente doméstico.

Afeto bom e afeto ruim: estratégia de aproximação de meninas em situação de acolhimento institucional

Objetivo: sensibilizar sobre a importância do afeto nas adversidades da vida cotidiana.

Esta oficina foi motivada pela necessidade de um trabalho preliminar que favorecesse a aproximação e o desenvolvimento de uma relação de confiança com o grupo de meninas. Assim, considerando a idade e a situação de vulnerabilidade em que se encontravam, buscou-se desenvolver o tema "afetos" com o objetivo de sensibilizá-las quanto à importância do afeto positivo na superação de vivências traumáticas da vida cotidiana.

Inicialmente, procedeu-se à apresentação do grupo por meio da dinâmica da rosa, que consistiu em uma estratégia de ensino viável de aproximação, que versou em colocar uma música animada e explicar, ao grupo, para repassar a flor e, quando a música parasse, quem estivesse com a rosa diria o nome e como estava o dia a dia.

Elas compararam o local de acolhimento a uma prisão, por sentirem seus dias ruins ali dentro e com liberdade limitada. Devido ao contexto, é frequente que meninas acolhidas, por estarem em situação de violência, vulnerabilidade e abandono, não se sintam pertencentes a um lugar (SAVI; DISCHINGER, 2016).

Perceberam-se dificuldades das meninas para interagir com pessoas desconhecidas demonstradas pela recusa dos abraços, uma reação comumente encontrada em crianças e adolescentes acolhidas, pois, separadas do convívio familiar, desconfiam e temem se relacionar com estranhos. Mas esta é uma situação que pode ser revertida durante o período de acolhimento institucional, por meio da disponibilidade dos educadores, para o desenvolvimento de vínculo afetivo com os acolhidos, o que os auxiliará a lidar com inseguranças próprias da situação (LEMOS 2017).

Após a apresentação, foi aplicada a dinâmica intitulada “afeto bom e afeto ruim”, com a intenção de alertá-las sobre a importância de poderem contar com o afeto temporário de outras pessoas em substituição ao da família, como forma de amenizar a ausência diante das situações adversas que as colocaram em insegurança e motivaram o acolhimento institucional. É importante ressaltar que, nessas situações, a criança privada do convívio tem seus laços afetivos enfraquecidos, sendo, portanto, necessário incluir, no trabalho de acolhimento, intervenções nos campos afetivo e emocional (GABATZ; SCHWARTZI; MILBRATHI; CARVALHO; LANGE; SOARES, 2018).

A dinâmica consistiu na distribuição do grupo em círculo e uso de um dado que continha os comandos distribuídos em suas faces: dance com um menino; dance com uma menina; abrace um menino; abrace uma menina; todo mundo dança junto e abraço coletivo. As participantes foram orientadas a repassar o dado, seguindo o ritmo da música e, ao parar, caberia a quem estivesse com o dado jogá-lo e cumprir o comando escrito em um dos seus lados. Contudo, elas ficaram livres para não executar o comando, caso preferissem.

As dificuldades percebidas foram não apenas em demonstrar afeto, mas também em confiar na existência de afetos positivos, conforme expressaram não acreditar muito em pessoas. Elas pareciam envergonhadas e ansiosas, com receio de que o dado parasse em suas mãos, pois, para a execução do comando, iriam precisar demonstrar afeto por alguma pessoa. Tais atitudes podem estar relacionadas a possíveis experiências de violência no ambiente doméstico cometidas por aqueles de quem se espera afeto e proteção.

Nessas situações, os danos ocasionados são ainda mais devastadores, conforme pesquisa desenvolvida por LIRA; RODRIGUES; RODRIGUES; COUTO; GOMES e DINIZ (2017) que discute prejuízos para a vida adulta de mulheres que foram abusadas sexualmente na infância no próprio ambiente

doméstico e que, além de outros problemas, seguiram com dificuldades em seus relacionamentos afetivos e na esfera sexual.

Outro ponto percebido pelos discentes foi a forma como reagiram ao comando: “dance com um menino”, em que revelaram não gostar ou não querer abraçar, como também não gostar do tocar, o que pode estar relacionado às próprias experiências vivenciadas por elas no próprio ambiente doméstico ou por testemunharem conflitos entre os pais ou por sofrerem maus-tratos diretamente.

Ao término da dinâmica, ao serem instigadas a falar sobre o que entenderam sobre afeto, elas relacionaram o sentimento a abraços, importância, carinho e cuidado. Muitas falaram que realmente não se sentiam bem em demonstrar afeto e que apenas conseguiam expressar gestos assim com pessoas as quais sentiam sinceridade ou que já tinham um tempo bastante duradouro de relação de confiança, inclusive, por muitas, foi colocado isso como uma importante condição.

Sobre este aspecto, é preciso considerar que o afastamento do ambiente doméstico e da convivência familiar, apesar de necessário à segurança da criança ou adolescente, desencadeia ou intensifica carências afetivas que precisam ser respeitadas e amenizadas por uma equipe institucional acolhedora a quem cabe importante papel na redução desses possíveis danos (HUEB, 2016). Assim, o acolhimento precisa não apenas atender às necessidades físicas, muitas vezes, ainda atreladas a uma velha política assistencialista, mas também abranger todos os outros aspectos necessários à construção humana, especialmente os psicológicos (CARVALHO; HAACK; RAZERA; FALCKE, 2017).

No decorrer do trabalho, percebeu-se que, apesar dos empecilhos, elas pareceram compreender que a possibilidade de contar com um suporte afetivo auxiliaria na adaptação ao novo ambiente e na superação

da separação da família, ainda que temporária. Isto remeteu ao processo de resiliência, capacidade e condição indispensáveis para a superação de situações traumáticas possíveis de ocorrer ao longo da vida (SANTANA DA SILVA, VIEIRA DA SILVA, SANTANA DA SILVA, LODOVICI, 2015; FORNARI, LABRONICI, 2018).

Desse modo, a dinâmica favoreceu a percepção das marcas invisíveis de violência em que, enquanto umas falaram que afeto também é perdão, outras trataram da dificuldade em perdoar, inclusive, expressando falas de ódio de familiares, provavelmente associado à violência sofrida e motivo do acolhimento institucional. Diante disto, foi reforçada a importância do afeto como mecanismo de fortalecimento para superar vivências negativas e conflituosas, em um esforço para uma vida cotidiana mais feliz.

De noções de gênero a conhecimentos sobre a higiene íntima feminina

Objetivo: promover discussões sobre noções básicas de gênero e sexualidade, higiene íntima e secreções vaginais.

Procedimento: tendo em vista a idade e o perfil das participantes, como ponto de partida para abordar questões relacionadas à higiene íntima e tipos de secreções vaginais, optou-se por uma abordagem na qual se discutissem as diferenças anatômicas, biológicas e culturais entre os sexos cuja discussão foi norteadas pelo estímulo: “o que já disseram que vocês não poderiam fazer por serem meninas?”. Foram mencionadas brincadeiras infantis, como jogar bola, brincar de carrinho, brincar de bola de gude e videogame. Após isso, ao serem indagadas sobre as diferenças entre os sexos que são repassadas ainda na infância, elas reprovaram e as consideraram tabus que buscavam desconstruir.

Pesquisa mostra a dificuldade em se desconstruir esses tabus, comumente repassados pelos pais, as maiores referências na infância, e aponta para a necessidade de que abordagens sobre os gêneros façam parte do planejamento e da rotina de instituições de ensino por meio de um trabalho cuidadoso favorável à desconstrução desses tabus. Além disso, é preciso que os responsáveis por crianças e adolescentes estejam atentos às demandas apresentadas por elas (SARAT; CAMPOS; MACEDO, 2016).

Ao dar prosseguimento à discussão sobre gênero, iniciou-se uma atividade em que um mediador dava comandos como: correr, lutar e arremessar como menino e depois, como menina. Após cessarem os comandos, as participantes apontaram que meninas corriam, lutavam e arremessavam como “bichas” e que os meninos desempenham tais atividades de maneira mais eficiente por serem mais fortes e valentes quando comparados às meninas.

Na atividade seguinte, vários recortes de ilustrações de atividades cotidianas foram espalhados no chão para que as adolescentes pudessem colar em um quadro. Este quadro foi dividido em: “mulher pode fazer”; “homem pode fazer” e que “ambos podem fazer”. Ao comando “mulher pode fazer”, principalmente, tarefas domésticas como lavar louça, lavar roupa e cozinhar. Já atividades como ser juiz de futebol, ser mecânico, ser médico, bombeiro e pedreiro foram enquadradas no espaço de “homens podem fazer”. É importante frisar que atividades como balé e trabalhar na Enfermagem geraram uma discussão entre as participantes do grupo, o que resultou em tais atividades sendo listadas como “os dois podem fazer”.

O grupo de estudantes ressaltou a importância da desconstrução de tabus que delimitam quais atividades devem ser ou não executadas pelas pessoas de acordo com o gênero. A partir disto, elucidou-se que a mulher é, anatomicamente e fisiologicamente, diferente do homem. Foi solicitado que

uma das participantes deitasse sobre o papel madeira para que a sua colega pudesse contornar seu corpo e, a partir desse molde, as garotas foram desenhando os traços que diferenciam, anatomicamente, uma pessoa do sexo feminino de uma do sexo masculino. Foi possível notar uma resistência muito grande das participantes para desenhar a vagina.

A vergonha ao abordar qualquer tema relacionada ao sexo está arraigada nos tabus que ainda permeiam a sociedade, e a grande preocupação é que isto contribua para que assuntos relacionados à saúde sexual e reprodutiva não sejam devidamente tratados. Pois, para o devido acompanhamento do desenvolvimento sexual de crianças e adolescentes, faz-se necessário, que sejam devidamente orientados sobre vulnerabilidades relacionadas à sua sexualidade com informações sobre infecções sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada, abuso sexual, violência sexual ou outras dificuldades que interfiram na sua saúde sexual (BRASIL, 2018).

Ao término do desenho, os estudantes fizeram uma breve explanação sobre as diferenças básicas do corpo feminino e masculino e como essas diferenças mereciam uma atenção especial. Explanou-se sobre como a mulher deve cuidar da sua higiene íntima e a importância de conhecer o que é “normal” do próprio corpo.

Para falar sobre os tipos de secreções vaginais, foi necessário abordar, de maneira breve, a fisiologia feminina, detalhando e esclarecendo dúvidas sobre o ciclo menstrual, pois, muitas vezes, os conhecimentos acerca da menstruação são oriundos do convívio familiar e com outros grupos sociais (SILVA; PRATES; SCARTON; BARRETO; ALVES; WILJELM; RESSEL, 2014). É válido ressaltar que, no que diz respeito às secreções vaginais, as adolescentes afirmaram não saber que existiam secreções fisiológicas e secreções que indicam alguma desregulação ou infecção por algum patógeno.

Ao final, os acadêmicos frisaram a importância de conhecer o próprio corpo e estar atento a suas possíveis alterações.

Antes de encerrar a oficina, para testar o canal de comunicação e sanar dúvidas remanescentes, utilizou-se a dinâmica mitos e verdades sobre a saúde da mulher na qual as garotas puderam exercitar o que assimilaram durante o encontro.

Câncer de mama e colo do útero: o que é e como prevenir

Objetivo: promover conscientização acerca da prevenção em saúde sobre as neoplasias que mais atingem mulheres, trabalhando, desde a adolescência, o reconhecimento dos sinais e sintomas, a procura de ajuda profissional capacitada, orientação acerca dos fatores de proteção e de risco e desconstrução das questões de gênero que repercutem em diferenças no perfil da violência entre adolescentes do sexo feminino.

Após o acolhimento, foi aplicada a Dinâmica dos Toques, que consistiu em comandos sobre sensações, sendo as meninas orientadas a se tocarem para: sentir pulso; batimentos cardíacos; respiração; cabelos; face (boca, nariz, orelhas); pescoço, seios, costelas, pernas, etc. Depois, foi perguntado sobre o que as meninas sentiram ao se tocar e a importância do ato.

Naquele momento, as participantes afirmaram sentir uma energia diferente devido à falta desse hábito, mas reconhecem a necessidade de se tocar como medida de prevenção. É de extrema importância para a prevenção de neoplasias, como o câncer de mama, conhecer o que é natural, fisiológico, para conseguir identificar anormalidades (BRASIL, 2014).

No segundo momento, buscou-se problematizar para compreender o conhecimento prévio sobre o câncer de mama, que foi posteriormente abordado por meio de exposição dialogada sobre a importância da prevenção

com simulação do autoexame das mamas em modelo anatômico e distribuição de panfleto ilustrativo sobre a sequência de passos para a sua realização.

Apenas uma menina afirmou se tocar, o que é preocupante, visto que, na maioria das vezes, é a própria mulher que detecta os sinais. Estes podem apresentar-se como nódulos, manchas, retrações, abaulamentos, secreções, mamilos diferentes, pele com aspecto de casca de laranja e vermelhidão (BRASIL, 2014).

A realização dessa primeira oficina é importante, pois desconstrói conceitos sobre o corpo, a sexualidade, o prazer feminino que, por muitas vezes, é reprimido por construções culturais ultrapassadas, além de esclarecê-las sobre seus direitos enquanto cidadãs, que utilizam os serviços de saúde da família, com o surgimento de questões sobre vergonha, medo de que o profissional de saúde visse suas partes íntimas, informando que os mesmos são treinados para tratá-las profissionalmente, com o mínimo de exposição, e reforçando a importância da realização do autoexame enquanto medida de prevenção e autocuidado.

Concluída esta etapa, o segundo tema abordado foi a prevenção do câncer de colo do útero, a terceira neoplasia maligna mais comum e a quarta causa de óbito por câncer entre as mulheres (BRASIL, 2018). Assim, é um problema de saúde pública grave e evitável por meio das medidas de prevenção e detecção precoce.

Em roda de conversa, foram abordados fatores de risco, a relação entre o papiloma vírus humano (HPV) e o câncer de colo de útero, as diferenças entre o colo saudável, após o parto normal, com lacerações, sangramentos, manchas, utilizando modelos anatômicos como forma de alerta para a realização das principais formas de prevenção: o uso do preservativo, o exame preventivo e a vacinação (BRASIL, 2018).

Quando as garotas souberam do tema do encontro, ficaram apreensivas, acreditando que seriam obrigadas a realizar o exame, o que foi desconstruído durante a dinâmica, evidenciando a importância dessa medida de prevenção e reforçando a ideia de consentimento e controle sobre o próprio corpo.

Como forma de consolidação, foram utilizados dois jogos em forma de murais onde as meninas identificavam formas de proteção e fatores de risco para o câncer de mama e de útero como forma de fixar os conhecimentos e sanar dúvidas.

Durante a realização da oficina, surgiram comentários que não eram referentes à temática, mas que se considerou importante discutir: elas externalizaram sentimentos de raiva pela instituição devido às incertezas quanto ao tempo de permanência. Isso desperta certa fragilidade do serviço cujo objetivo é acolher e representar o convívio familiar, mas, quando institucionalizado, se torna uma prática estigmatizada e de punição, que não garante o cuidado integral (ACIOLI; BARREIRA; LIMA; TIMÓTEO DE LIMA; ASSIS, 2018), além de demonstrar as marcas deixadas pela violência, a dificuldade de conseguir construir laços de afeto com aquelas pessoas, tornando a passagem pelo abrigo ainda mais solitária.

Abordando ISTs para adolescentes

Objetivo: orientar adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)

Optou-se, considerando o risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis na adolescência, por abordagens adequadas à idade por meio da aplicação de dinâmica lúdica. A primeira a ser aplicada foi adaptada do Manual do Multiplicador sobre IST para adolescentes do Ministério da Saúde e

teve como título “A visita do ET”. A intenção foi levantar questionamentos sobre sexualidade desvinculados do contexto sociocultural. A dinâmica consistiu em dividir dois grupos: um grupo de ETs, representados pelas adolescentes, e um grupo de jornalistas, representados pelos discentes. A facilitadora orientou, ao grupo de ETs, imaginar-se chegando à Terra curioso para saber sobre a sexualidade humana e, ao grupo de jornalistas, caberia responder aos questionamentos feitos.

A segunda dinâmica, denominada “Expressando a sexualidade”, teve como objetivo discutir manifestações da sexualidade e consistiu na produção de um cartaz com imagens e frases recortadas de revistas e jornais que representassem a sexualidade.

A terceira dinâmica, intitulada “Nunca vi meu namorado”, objetivou demonstrar a importância da prevenção, por meio do uso de preservativo nas relações sexuais, despertando-as a não confiar no parceiro apenas pela aparência, pois, embora muitos possam parecer saudáveis, não se garante que estejam livres de IST/Aids. Aos grupos, foram distribuídas fitas em três cores diferentes: azul significava parceiro saudável; branca, parceiro com ISTs e rosa, parceiro com HIV. Logo após, foram distribuídos papéis recortados, cada um contendo o desenho de um triângulo ou de um quadrado. Forma triangular representava pessoa que se relacionou com camisinha e forma quadrangular representa pessoa que se relacionou sem camisinha.

Percebeu-se que, durante a primeira dinâmica, as meninas mantiveram-se retraídas e optaram por não fazer questionamentos. Diante disso, buscou-se estimular o diálogo sobre sexualidade, distribuindo papel e lápis para que pudessem escrever suas dúvidas. Mas, mesmo assim, surgiram apenas três perguntas: “o que significa essa palavra?”; “por que o homem ganha mais que a mulher?” e “o que é sexualidade?”. Ao responder à primeira e à última pergunta, conversou-se sobre a sexualidade e, nesse momento, elas

se mostraram interessadas. São constatações que levam a refletir sobre a importância de discutir sexualidade, temática que integra um aspecto essencial no desenvolvimento da identidade, não se limitando apenas ao ato sexual ou potencialidade reprodutiva (ZERBINATI; BRUNS, 2017).

Portanto, discussões acerca da sexualidade são essenciais para a saúde de adolescentes, visto que essa fase marca um processo de transformação biológica, psicológica e social (SERRA, 2017).

A constatação de reações como risos podem representar vergonha e ingenuidade, considerando que o sexo ainda é uma temática examinada como tabu, tornando-se difícil de ser abordada, o que reforça o papel de profissionais da saúde para a desmistificação desse preconceito (NOTHAFT; ZANATTA; BRUMM; GALLI; ERDTMANN; BUSS; SILVA, 2014). Na resposta à segunda pergunta, sobre diferença de salários entre o homem e a mulher, retomaram-se as discussões anteriores sobre gênero.

Foi perceptível que algumas delas se recordaram do que já havia sido explicado e se demonstraram mais empoderadas, indignadas, assim, auxiliando na fala dos estudantes com frases como “isso é injustiça” e “vamos fazer manifestação”. O grupo considerou essa parte proveitosa, pois foi possível perceber que elas estavam fixando as informações de outras oficinas.

No segundo momento, as adolescentes escolheram fotos sobre gravidez, pessoas conversando, casais abraçados e algumas frases sobre mulher e seu papel na sociedade, o que permitiu perceber a visão de cada menina sobre as várias dimensões de sexualidade, confirmando que a percepção está interligada ao gênero, à orientação sexual e ao meio social em que a pessoa se encontra inserida por meio da observação, modelagem, reforço ou coação (MELO, 2017; PENNA; RODRIGUES; RIBEIRO, PAES; GUEDES, 2015). Após isso, o grupo revisou o assunto, esclarecendo sobre o

papel da sexualidade no convívio humano e que ser homem e ser mulher é uma construção social (notou-se que elas se mantiveram atentas).

Durante a última dinâmica, no momento de revelação do significado de cada cor e cada forma geométrica, as expressões foram de arrependimento diante da escolha das cores que representavam infecções e doenças. Diante disso, conversou-se sobre as principais características das ISTs e a importância de preveni-las. A falta de informação repassada pelas escolas e a família e a ausência de sintomas de muitas ISTs favorecem a confiança em práticas sexuais sem uso de preservativo, o que permite que muitos adolescentes confiem estar se relacionando com uma pessoa saudável (AMORA; CAMPOS; BESERRA, 2015). No momento de sistematização, foi possível perceber o aproveitamento e o retorno positivos sobre o assunto abordado.

Conversando sobre violência com adolescentes em um contexto de violência no ambiente doméstico

Objetivo: orientar e sensibilizar sobre expressões da violência contra a mulher e rede de acolhimento

Torna-se importante, considerando que a violência constitui um tema delicado para ser discutido com meninas que já tiveram seus direitos violados, abordá-lo no ensino para esclarecer dúvidas e orientar quanto ao cuidado às vítimas, visto que, segundo o Panorama da Violência contra as Mulheres no Brasil, em 2015, a taxa de registro de feminicídios foi de 4,4 por um grupo de 100 mil mulheres (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, o trabalho foi dividido em três momentos: uso das dinâmicas “pessoas e coisas” e “corredor do cuidado” e apresentação de uma peça teatral sobre violência contra a mulher.

A dinâmica “pessoas e coisas” foi desenvolvida dividindo-se os participantes em grupos nos quais se caracterizavam por observadores, pessoas e coisas. Cada “pessoa” escolheria uma “coisa” representada por um dos integrantes. As ditas “pessoas” possuíam o direito de realizar qualquer ação com sua respectiva “coisa” e esta, por sua vez, deveria obedecer, enquanto os observadores dirigiam-se a um espaço e somente tinham a função de atentar para os acontecimentos.

A peça teatral encenou a história de uma jovem que decidiu morar com o namorado. Ela trabalhava, estudava e, até então, ele a tratava bem, contudo, a partir da convivência, começou a ter atitudes machistas e medidas de controle sobre vestimenta, celular, serviços domésticos, além de praticar violência física e percebida pelas amigas da jovem em visões distintas: a primeira amiga achava normal por vivenciar a mesma situação desde criança. A segunda já identificava a violência desde o início, mas não intervia. Por fim, a protagonista veio a óbito, após ser espancada pelo parceiro. Após sua morte, as amigas reconheceram a violência que uma delas estava sofrendo e procuraram apoio na rede de proteção à mulher em situação de violência.

O fechamento do trabalho deu-se por meio da dinâmica intitulada “corredor do cuidado”, que foi composta pelos discentes, formando um corredor de acolhimento para que cada adolescente passasse por ele. Por meio de gestos como abraços e carinhos, palavras que buscassem levantar a autoestima e outras ações, os discentes empenharam-se em demonstrar afeto e instigar o empoderamento e a união entre todos para atingir o objetivo inicial.

No desenvolvimento da dinâmica “pessoas e coisas”, a discussão teve como foco relações de poder que foram evidenciadas pelos adolescentes como situações de imposição do homem sobre a mulher, sendo uma consequência de uma construção social que impõe, à mulher, restrições aos serviços domésticos e, aos homens, aos serviços financeiros. Logo, as próprias

mulheres são limitadas à imposição masculina desde a infância (LOURENÇO; ARTEMENKO; BRAGAGLIA, 2014).

Este domínio vai além da relação entre gêneros, sendo comum o abuso de poder na relação entre pais e filhos e, segundo EICHHERR e CRUZ (2017), a violência possui como fatores as normas culturais de imposição da família sobre o filho e do homem sobre a mulher.

Houve um recuo das adolescentes que estavam no papel de “pessoa”, pois estas não queriam comandar suas “coisas” e achavam engraçada a forma como uma “pessoa” tratava sua “coisa”. Percebeu-se que algumas se sentiram desconfortáveis para falar sobre o que vivenciaram. Esse recuo é compreensível visto que, além da delicadeza do assunto, o sofrimento das vítimas e a falta de afeto provocam bloqueio mais evidente em crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional (FONSECA, 2014).

A discussão resultou tanto em silêncio por parte do grupo como em respostas que expressavam indignação, que permitiram perceber o quanto aqueles adolescentes possuíam um pensamento além do esperado e desejavam liberdade. Além disso, houve um questionamento quanto à interferência de pessoas extraconjugais para denunciar o ato de violência, obtendo respostas sobre o medo de realizá-la, principalmente nas relações conjugais, sendo um reflexo social, já que, de acordo com uma pesquisa do IPEA (2014), 82% dos entrevistados concordaram com a expressão “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

As relações conjugais e intrafamiliares são os principais alvos da violência, principalmente a velada pela figura masculina (PINTO JUNIOR; CASSEPP-BORGES; DOS SANTOS, 2015). Estas são marcadas pelo histórico normativo que a sociedade possui em que há um processo de naturalização da violência e, de acordo com EICHHERR e CRUZ (2014), ações como o castigo

por desobediência são aceitas pela sociedade de forma que se atribui a culpa à vítima.

A encenação permitiu uma visão ampla sobre formas de expressão da violência contra a mulher, resultando em reações de apreensão, graça e curiosidade, principalmente na cena em que a protagonista faleceu, sucedendo-se um diálogo participativo, possibilitando perceber a visão limitada sobre expressões da violência contra a mulher e fazendo-as enxergar somente a violência física. A partir das informações, percebeu-se o aprendizado diante de alguns questionamentos e exemplos dados por elas.

A visão limitada dos adolescentes de normatizações que fazem parte de um ciclo, que contempla apenas os estágios mais avançados da situação de conflito, é comum nas relações conjugais. Este ciclo é caracterizado por Mayorca, Borges e Barcellos (2014) por uma mulher independente, que se casa, se torna submissa às atividades de esposa criadas pela sociedade, é afastada do emprego e de sua vida acadêmica para viver em função dos filhos, parceiro e casa, o que a torna dependente financeiramente do marido, configurando minuciosidades atribuídas à violência psicológica, financeira, moral, entre outras. E, por fim, ao tentar revidar a situação que vive, é respondida com agressividade que, somente quando visível no corpo, é notada pela sociedade.

Nesse contexto, também foram abordadas as diversas formas de solicitar ajuda, esclarecendo sobre a rede de proteção, composta por serviços de assistência, em que a Delegacia da Mulher, o Centro de Referência em Assistência Social, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social, o Centro de Atenção Psicossocial, o Núcleo de Atenção à Saúde da Família, as Unidades Básicas de Saúde, hospitais, Conselhos Tutelares e da Mulher, escolas, entre outras instituições, são responsáveis por trabalhar juntas para prevenir a violência e prestar a assistência adequada às vítimas (PINTO

JUNIOR; CASSEPP-BORGES; DOS SANTOS, 2015). Estas são importantes para que a violência seja combatida e identificada ainda no início, fase em que geralmente passa despercebida.

Além disso, por se tratar de instituições de acolhimento para crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade, a maioria ocasionada pela própria família, essas precisam estar estruturadas para acolhê-las e manter vinculação com as demais instituições, para prestar a devida assistência psicológica e social, sendo a atuação dos educadores que convivem com as crianças a mais importante porque é a partir dela que haverá uma reconstrução de vínculos interpessoais, permitindo que haja a possibilidade de construir uma relação de confiança (FONSECA, 2014).

No terceiro momento, durante a dinâmica corredor do cuidado, que buscou trabalhar o acolhimento, perceberam-se a retração das adolescentes e a dificuldade em receber alguns gestos afetivos, podendo estar relacionadas ao assunto abordado ou ao estado emocional das mesmas.

CONCLUSÃO

Este relato estruturou-se na conjuntura de uma casa de acolhimento institucional justificada pela necessidade de desenvolver ações de promoção à saúde da mulher por meio de práticas educativas embasadas em metodologias ativas para contribuir com mudanças de comportamentos, adoção de hábitos favoráveis à promoção, prevenção e manutenção da própria saúde.

Assim, as estratégias utilizadas buscaram atender ao contexto de vida, por meio de métodos não convencionais, que contemplassem as singularidades do grupo trabalhado, tendo em vista que, para algumas, foi difícil falar do corpo e se tocar devido aos estigmas pessoais e culturais. Portanto, a principal dificuldade para engajar-se no ambiente e atrair a atenção

do grupo foi a criação de vínculo e de uma relação de confiança, tendo e vista a história de vida das mesmas.

Ressalta-se, desse modo, a importância da música no processo de aproximação, pois, se de início, costumavam a se recolher envergonhadas e algumas dançavam escondidas em um canto da sala, ficou perceptível que a melodia funcionou como “quebra de gelo”, em que passaram a se sentir mais à vontade para se integrar ao grupo de discentes.

Conclui-se que o trabalho por meio de oficinas e o uso de metodologias ativas facilitaram a construção do conhecimento, favorecendo, por um lado, a formação de uma relação de confiança, que facilitou a abertura para a discussão dos assuntos e permitiu perceber o retorno do aprendizado ao longo dos encontros. Por outro lado, a experiência foi favorável à formação profissional, pois, como futuros profissionais da saúde, é preciso que estudantes de Enfermagem ampliem o olhar e tenham a oportunidade de vivenciar experiências direcionadas à promoção da saúde e qualidade de vida de grupos vulneráveis, como crianças e adolescentes institucionalizadas, considerando que se trata de clientela com fragilidades específicas.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Raquel Moura Lins; BARREIRA, Alice Kelly; LIMA, Maria Luiza Carvalho; TIMÓTEO DE LIMA, Maria Luiza Lopes; ASSIS, Simone Gonçalves de. Avaliação dos serviços de acolhimento institucional de crianças e adolescentes no Recife. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 529-542, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.01172016>>. Acesso em: 26 de março 2018.

AFONSO, Lúcia Maria M. (Org.) **Oficinas em Dinâmicas de Grupo na Área da Saúde**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Casa do Psicólogo, 2010. 389p.

AMORAS, Bruna Corrêa; CAMPOS, Atos Rodrigues; BESERRA, Eveline Pinheiro. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS**: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1668/camposv8n1.pdf>>. Acesso em: 26 de março 2019.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Penso Editora; 2018. 260p.

BOTTAN, Elisabeth Rabaldo; TREMEA, Joana Paula; GOMES, Poliana; URIARTE NETO, Mário. Educação em saúde: concepções e práticas de cirurgiões-dentistas da estratégia de saúde da família. **Revista Unimontes Científica**: Montes Claros, v. 18, n. 2, p. 24-35, 2016. Disponível em: <<http://ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/412>>. Acesso em: 26 de março 2019.

BRASIL. Instituto de pesquisa Data Senado. **Panorama de violência contra as mulheres no Brasil, n. 2**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>>. Acesso em: 26 de março 2019.

BRASIL. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acesso em: 26 de março 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Lei Nº 8.069, de 13 de JULHO de 1990**. Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Câncer de mama: é preciso falar disso**. Rio de Janeiro: INCA, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Câncer do colo do útero**. Rio de Janeiro: INCA, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Prevenção do câncer do colo do útero**. Rio De Janeiro: INCA; 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf>. Acesso em: 22 de março 2019.

CAMPOS, Maria Helena; DE PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire Ferreira; ASSIS, Marianna Campos Dias; FONSECA, Maria do Carmo. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias. **Pesquisas e Práticas Sociais**, v. 13, n. 3, p. 1-16, 2018. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3107/1991>. Acesso: 25 março 2019. Acesso em: 19 de março 2019.

CARVALHO, Cintia Favero; HAACK, Karla Rafaela; RAZERA, Josieane; FALCKE, Denise. Qual a percepção de crianças e adolescentes em acolhimento institucional acerca do seu cuidado subjetivo. **Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 7, n. 1-2, p. 333-344, 2017. Acesso em: 20 de março 2019.

CECÍLIO, Mariana Silva; HUEB, Martha Franco Diniz; FARINELLI, Marta Regina. Vivenciando uma Oficina Preparatória para Adoção: um relato de experiência. **Revista da SPAGESP**, v. 19, n. 2, p. 94-109, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v19n2/v19n2a08.pdf>>. Acesso em: 25 julho 2019.

DA SILVA, Luzia Wilma Santana; DA SILVA, Denise Maria Guerreiro Vieira; DA SILVA, Danuzia Santana; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. A resiliência como constructo à práxis da enfermagem: inquietações reflexivas. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 18, n. 4, p. 101-115, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27067/19188>>. Acesso em: 25 de julho 2019.

DA SILVA, Silvana Cruz; PRATES, Lisie Alende; SCARTON, Juliane; BARRETO, Camila Nunes; ALVES, Camila Neumaier; WILJELM, Laís Antunes; RESSEL, Lúcia Beatriz. Mitos e dúvidas de adolescentes acerca das modificações corporais e suas implicações na sexualidade. **Revista da Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 2, p. 459-469, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10812>>. Acesso em: 23 de março de 2019.

DE LUIZ, George Moraes; DAL PRÁ, Rayany Mayara; AZEVEDO, Renata Closs. Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. **Psicologia Revista**, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2014. Acesso em: 26 de março 2019.

DE SOUSA, Bárbara Cabral; SANTOS, Rebeca Silva dos; SANTANA, Katiuscy Carneiro; SOUZAS, Raquel. LEITE, Álvaro Jorge Madeiro; MEDEIROS, Danielle Souto de. Comportamento sexual e fatores associados em adolescentes da zona rural. **Revista Saúde Pública**, v. 52, n. 39, p. 1-11, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v52/pt_00348910rspS151887872018052006988.pdf>. Acesso: 26 de março 2019.

EICHHERR, Leticia Maísa; DA CRUZ, Lilian Rodrigues. Violência contra crianças e adolescentes: (in) visibilidades e problematizações. **PSI UNISC**: revista do departamento de psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 75-87, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187715/001084388.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 março 2019.

FERREIRA, Viviane Ferraz; ROCHA, Genylton Odilon Rêgo; LOPES, Márcia Maria Bragança; SANTOS, Milena Silva; DE MIRANDA, Shirley Aviz. Educação em saúde e cidadania: revisão integrativa. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 363-378, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v12n2/a09v12n2.pdf>>. Acesso em: 19 março 2019.

FONSECA, Ana Lucia Barreto da (Org.). **Comportamento, desenvolvimento e cultura**. 1 ed. Curitiba: 2014. 165p.

FORNARI, Lucimara Fabiana; LABRONICI, Liliana Maria. O processo de resiliência em mulheres vítimas de violência sexual: uma possibilidade de cuidado. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wpcontent/uploads/sites/28/2018/02/52081-222583-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 julho 2019.

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi; SCHWARTZI, Eda; MILBRATHI, Viviane Marten; CARVALHO, Hudson Cristiano Wander de; LANGE, Celmira; SOARES, Marilu Correa. Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 6, p. 2808-2816, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ruth_Gabatz/publication/329543903_pt_0>

034-7167-reben-71-s6-2650/links/5c0ed4e792851c39ebe437ae/pt-0034-7167-reben-71-s6-2650.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2019.

HUEB, Martha Franco Diniz. Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. **Revista da SPAGESP**, v. 17, n. 1, p. 28-38, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702016000100004&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 25 de Julho 2019.

LEMOS, Suziani de Cássia Almeida. Os Vínculos Afetivos no Contexto de Acolhimento Institucional: um estudo de campo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 33, p. 1-10, 2017. Disponível em: <<http://ojs.bce.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/19466>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho; RODRIGUES, Vanda Palmarella; RODRIGUES, Adriana Diniz; COUTO, Telmara Menezes; GOMES, Nadirlene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto contexto - enferm.**, v. 26, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de julho 2019.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste Intercom Sudeste, 2014, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2014, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>>. Acesso em: 26 março 2019.

MAYORCA, Daniela Sevegnani; BORGES, Lucienne Martins; BARCELLOS, Ana Raquel. Enfrentando a violência conjugal através da clínica psicodinâmica ea lei maria da penha. **Integración Académica en Psicología**, v. 2, n. 5, 2014. Disponível em: <<http://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2014/06/Integracion-Academica-en-Psicologia-Vol2-N%C2%B05-op.pdf#page=88>>. Acesso: 26 março 2019.

MELO, Mônica Cecília Pimentel de. **Sexualidade na adolescência: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família**. 2017. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do

Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/168887>>. Acesso em: 26 de março de 2019.

MÓNICO, Lisete; VALENTIM, Alferes; CASTRO, Paulo; PARREIRA, Pedro. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In: CONGRESSO ÍBERO-AMERICANO EM INVESTIGACIÓN CUALITATIVA, Salamanca. **Anais**. Salamanca: v. 3, p. 724-733, 2017. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>>. Acesso em: 25 de março 2019.

NOTHAFT, Simone Cristine dos Santos; ZANATTA, Elisangela Argenta; BRUMM, Maria Luiza Bevilaqua; GALLI, Kiciosan da Silva Bernardi; ERDTMANN, Bernadette Kreuz; BUSS, Eliana; SILVA, Pamela Roberta Rocha. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 284-289, 2014. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/927#>>. Acesso em: 24 de março 2019.

PENNA, Lucia Helena Garcia; RIBEIRO, Liana Viana; RAMOS, Kézia Áurea de Almeida; FÉLIX, Fábio de Oliveira; GUEDES, Claudia Rosana. Empoderamento de adolescentes femininas abrigadas: saúde sexual na perspectiva do modelo teórico de Nola Pender. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 24, n. 5, p. 1-5, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/27403/20380>>. Acesso em: 19 de março 2019.

PENNA, Lucia Helena Garcia; RODRIGUES, Raquel Fonseca; RIBEIRO, Liana Viana; PAES, Mírian Verdeno; GUEDES, Claudia Rosane. Sexualidade das adolescentes em situação de acolhimento: contexto de vulnerabilidade para DST. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 23, n. 4, p. 507-512, 2015. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v23n4/v23n4a12.pdf>>. Acesso em: 25 de março 2019.

PINTO JUNIOR, Antonio Augusto; CASSEPP-BORGES, Vicente; DOS SANTOS, Janielly Gonçalves. Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v23n2/1414-462X-cadsc-23-2-124>>. Acesso em: 26 de março 2019.

SARAT, Magda; CAMPOS, Miria Izabel; MACEDO, Edilaine de Mello. Infância, gênero, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas. **Horizontes – Revista de Educação**, v.4, n.7, p. 121-134, 2016. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5907>>. Acesso em: 23 de março 2019.

SAVI, Aline Eyng; DISCHINGER, Marta. Acessibilidade integral como ferramenta de inclusão social: estudo de caso em casas de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Blucher Design Proceedings**, v. 2, n. 7, p. 53-64, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3saeast1.amazonaws.com/designproceedings/enea_c2016/ACE01-3.pdf>. Acesso em: 20 de março 2019.

SERRA, Caudiana Batalha. **Educação em sexualidade na escola**: um projeto com adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação para Saúde) – ESTeSC (Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra). Coimbra, p. 5. 2017. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24060/1/Claudiana%20Batalha%20Serra.pdf>>. Acesso em: 25 de março 2019.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602/11276>>. Acesso em: 24 de março 2019.

Recebido: 27/03/2019

1ª Revisão: 27/04/2019

Aceite final: 29/04/2019